
REVISTA DE TURISMO

PUBLICAÇÃO MENSAL
DE TURISMO, PROPAGANDA,
VIAGENS, NAVEGAÇÃO, ARTE
E LITERATURA ◻ ◻ ◻

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA «REVISTA DE TURISMO»

ANO V
II SERIE

AGOSTO 1920
N.º 98

DIRECTOR : AGOSTINHO LOURENÇO

REDACTOR PRINCIPAL : GUERRA MAIO

SECRETARIO : JOSÉ LISBOA

EDITOR : F. FERNANDES VILLAS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO : LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegoarria)

TELEFONE 2337 CENTRAL

TIRAGEM 7.000 EXEMPLARES

O TURISMO EM PORTUGAL E A SUA PROPAGANDA

EM Portugal o mal feito só é geralmente reconhecido quando já não ha remedio.

E' um caso pathologico que se repete com uma' tão grande frequencia que, por isso mesmo, já creou fóros de adagio.

Sendo, pois, assim, não é nada para extranhar que a industria do turismo d'esse mal igualmente sofra.

O contrario é que seria para admirar.

Desde ha quatro anos, — com uma persistencia que só se encontra nos homens que se teem dedicado á defeza do turismo em Portugal (e bem poucos eles são!) — vimos, nas columnas d'esta Revista, sugerindo a idéa d'uma ampla propaganda, pelo nosso paiz, das multiplas vantagens do turismo, no intuito de se despertarem as energias latentes e de se congregarem os esforços dispersos para uma ação comum, no sentido de se pôr a *casa em ordem*, afim de se poderem atrahir e receber os visitantes estrangeiros.

Temos, tambem, suggestionado, sob a idéa de se convencer as populações da

eficiencia de assim procederem, a necessidade absoluta de se crear um, serviço de propaganda criteriosamente orientado, nos paizes d'onde nos deve vir o ouro por intermedio dos seus naturaes.

Temos — n'uma palavra — feito a deligencia possivel para que a industria do turismo seja em Portugal o que está sendo na França, na Belgica, na Hespanha e na Italia e o que já foi na Suissa.

A França deveu a esplendida situação economica que tinha antes da guerra, em grande parte, á exploração do turismo.

Hoje, que mais do que nunca, essa nação precisa resarcir-se do fundo abalo sofrido por tão grande calamidade, ella está verdadeiramente explorando as tristes recordações d'esse luctuoso passado, como uma das melhores fontes para a atração do ouro estrangeiro.

Dir-se-ha que muita gente teria curiosidade em vêr o palco onde se representaram ao vivo os maiores dramas da actualidade. Concordamos em parte. Mas toda essa gente, se não soubesse das facilidades que para isso lhe eram proporcionadas,

não se abalçava a grandes incomodos, por maior que fosse o seu desejo.

— E o que fizeram os francezes?

Simplemente pôr em pratica o plano preconcebido durante a guerra. Assim, terminadas as hostilidades, apareceram como por encanto, alojamentos, instalações, serviços rapidos de transportes aos pontos visitaveis, facilidades de comunicações com os sitios de turismo, com as estancias de cura e de repouso, com as estações climatericas e com os centros de recreio.

Bastas vezes, nos anteriores numeros d'esta Revista, quer nas suas chronicas do estrangeiro, quer em cartas do então nosso correspondente em Paris, denunciámos os movimentos que se estavam operando e as bases do programa que estava sendo preparado para, cessadas as hostilidades, a França reaver a sua situação de antes da guerra como paiz unico para a atração do viajante estrangeiro.

E não mentimos. Os factos o comprovaram já e estão afirmando as nossas informações e as nossas previsões.

Dizemos, mesmo, que a expectativa foi excedida e em muito.

Isto, no que respeita á França, embora dito muito concisamente.

Emquanto á Belgica, basta transcrever uns periodos do interessante artigo publicado no ultimo numero do Boletim do «Touring Club Belga», sobre a propaganda do turismo, para se avaliar o que se tem passado n'essa nação a respeito de tão momentoso assumpto.

Um dos periodos diz o seguinte :

«Antes da guerra houve grande dificuldade em convencer os poderes publicos da necessidade absoluta de se apprehender uma intensa propaganda turistica. Fizeram-se valer os argumentos mais incontestaveis. Porém, um dos que atrahiram a sensibilidade dos governantes, pois se tratava simplesmente d'um caso d'ordem economica, foi a afirmação ineludivel de que *uma grande affluencia de estrangeiros é a maior fonte de riqueza para as nações*».

Depois segue o articulista :

«As associações e os «Comités» que empregaram os mais extenuantes e meritorios esforços na sua cruzada pró-turismo, começaram a colher os fructos do seu intenso trabalho ; e assim, foi-se vendo crescer o numero dos seus adeptos e multiplicarem-se os esforços no sentido orientado por esses agrupamentos.

«A *Liga Belga de propaganda para a atração do turista* foi a instituição que nasceu d'esse poderoso trabalho e a que mais particularmente se tem distinguido. Em 1912 ela contava 528 associados e 37 sociedades inscritas ! As suas receitas elevaram-se, n'esse ano, á consideravel soma de 30.000 francos ! Trinta mil francos para inundar o mundo de brochuras, para o estabelecimento de relações com os postos d'informações instalados em Londres e em New-York e para auxiliar os numerosos sindicatos d'iniciativa instalados no estrangeiro, encarregados d'uma propaganda directa nos «hoteis da Europa e da America !»

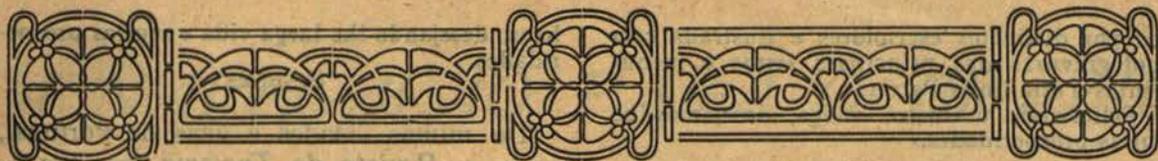
Prosegue ainda o artigo :

«E hoje?! A nossa heroica defeza, a gloria dos nossos soldados, as nossas ruinas valem milhões de brochuras!!!

«Não ha hoje uma unica parte do mundo que não saiba que existe uma Belgica, heroica, bela, carinhosa, sorridente a todos ! Para que ela seja vista por todos os povos d'esse mundo, basta não afrouxar n'essa propaganda, antes completal'a com o maximo esforço de que podemos dispôr. Para esse fim são necessarios creditos que não devem ser recusados e que serão depois compensados, por fórma inatingivel. Assim o comprehendeu o Ministro das Finanças, que no Parlamento confessou que *esta politica economica é a unica capaz d'atenuar a crise actual*».

N'um proximo numero continuaremos as nossas apreciações e mostraremos o que fazem os outros paizes.

JOSÉ LISBOA



A "REVISTA DE TURISMO,"

NO SEU 4.º ANIVERSARIO

A celebração do 4.º aniversario da *Revista de Turismo* foi revestida d'um successo que, excedendo toda a expectativa, constituiu para nós, minusculos colaboradores da grande obra do resurgimento patrio, um facto de verdadeiro e intenso jubilo e trouxe-nos a confirmação de quanto é util e apreciado o nosso modesto curso, de que esta Revista é o mais fiel e querido interprete, ha já quatro anos.

Quasi toda a imprensa se referiu ao aniversario da *Revista de Turismo* com palavras de louvôr a essa nossa obra e de incitamento aos nossos esforços, o que desvanecidamente registamos; pedindo vénia para aqui as transcrevermos, com os nossos mais rendidos agradecimentos.

De A Epoca :

Revista de Turismo. — «Com a publicação do seu n.º 96, completa a *Revista de Turismo* o seu quarto ano de existencia o que representa um verdadeiro esforço, dadas as extraordinarias condições da situação actual em que qualquer publicação representa uma soma avultada de dispendios e de sacrificios.

Pois a *Revista de Turismo*, mantendo a inflexivel linha que adoptou desde o seu primeiro numero, tem continuado a sua senda, progredindo de numero para numero, quer na parte artistica, quer na literaria.

Felicitando esse nosso brilhante e patriotico coléga, desejamos-lhe inumeras venturas e que o 5.º ano que vae iniciar, com importantes modificações, lhe seja muito prospero.»

Do Diario de Noticias:

Revista de Turismo. — «Está publicado o numero relativo ao mez corrente, que representa para a bem conhecida e apreciada Revista o ini-

cio do quinto ano da sua existencia. A arte, a literatura e os interesses nacionaes continuam merecendo as mais especiaes atenções da redacção. motivo que nos leva a desejar á *Revista de Turismo* todas as prosperidades e progresso. Publicações da natureza da *Revista de Turismo* são utilissimas em todos os paizes, principalmente quando, como esta succede, são primorosa e cuidadosamente trabalhadas.»

De A Situação :

Revista de Turismo. — «Veio até nós o n.º 97 d'esta interessantissima revista mensal de turismo, propaganda, viagens, navegação, arte e literatura que, como sempre, de ha cinco anos para cá, pois tantos conta de existencia, se apresenta bem colaborada.

De O Tempo :

Revista de Turismo. — «Com a publicação do n.º 96, completou esta interessante revista o seu 4.º ano de existencia, mantendo sempre a mesma orientação patriotica do resurgimento patrio pela exploração da industria do turismo.

A *Revista de Turismo*, que se tem apresentado com uma bem escolhida e muito interessante colaboração literaria e com belas gravuras de monumentos e paisagens portuguezas, é modificada no seu formato a partir do proximo n.º 97, que marca o inicio do seu 5.º ano e que se publicará no dia 20 do corrente.

Felicitando-a pelo seu aniversario, desejamos-lhe longa vida, prosperidades e o concurso de todos quantos se dedicam á causa nacional que ela tão extremamente defende.

De O Barcelense de Barcelos :

Revista de Turismo. — Com o n.º 97 completou quatro anos de existencia esta apreciavel revista que tão brilhantemente defende o Progreso de Portugal. Esta Revista que é a primeira que no genero se publica n'este paiz, vem todos os numeros, com magnificos artigos firma-

dos por distintos escriptores e ilustrada com photogravuras das principaes terras e monumentos d'esta linda Patria.

Felicitando o illustre coléga, desejamos-lhe muitas prosperidades.»

Do Jornal d'Abrantes :

Revista de Turismo. — Com o n.º 97 que acabamos de receber, entrou no 5.º ano de publicação esta excelente revista de propaganda, viagens, e navegação, arte e literatura, que desde o primeiro numero vem pugnando e defendendo a industria do *Turismo*.

Apresenta-se agora com novo aspecto, mais elegante, tendo uma tiragem de 7.000 exemplares.

Com as nossas saudações, fazemos votos pela continuação das suas prosperidades.

Do Jornal de Extremoz :

Revista de Turismo. — Com o n.º 97, esta interessante e util revista, unica no genero, no paiz, entrou no quinto ano de publicação, apresentando-se muito melhorada com excelente colaboração, noticiosa e anunciadora, pelo que apresentamos aos srs. A. Lourenço, José Lisboa, Guerra Maio e Fernandes Vilas os nossos para-

bens, desejando-lhe larga vida e muitas prosperidades.

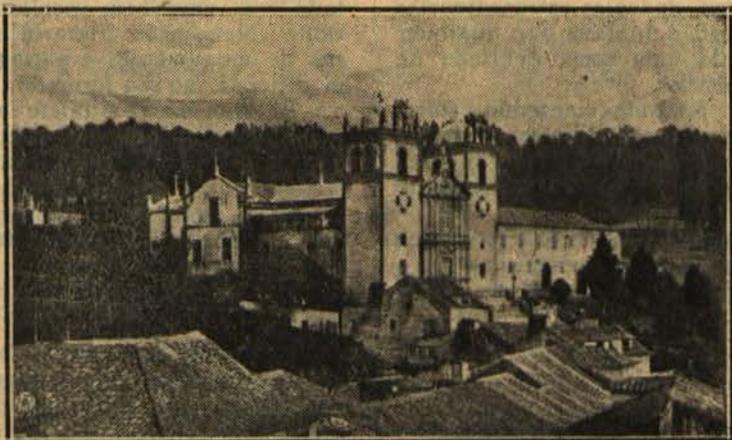
□□□□

De muitas cidades e vilas de Portugal, onde a *Revista de Turismo* tem verdadeiros admiradores e amigos, recebemos numerosas e cordealissimas felicitações, acompanhadas de palavras de sincero aplauso e de incitamento á continuação da nossa obra.

Do nosso muito querido amigo e illustre colaborador Mario de Montalvão, que foi um dos obreiros da ideia representada pela *Revista de Turismo*, recebemos uma muito amavel carta, a que no proximo numero daremos publicidade, visto o espaço hoje não nol'o permitir, o que sinceramente lamentamos.

Aos nossos brilhantes colégas da imprensa, que tão carinhosamente se nos referiram, e a todos os que nos testemunharam a sua amizade e sympathia, reiteramos os nossos mais rendidos agradecimentos.

PORTUGAL PITORESCO



VILA DA FEIRA — Igreja Matriz

A NAVEGAÇÃO PARA O BRAZIL

E' UM FACTO POSITIVO

EMFIM! Lá vae o primeiro vapor portuguez a caminho do Brazil.

E' o *Lima*, dos Transportes Maritimos, que tem essa honra, honra; tão altamente patriótica, que até nos enche de comoção. Nós, que ha tantos anos temos, pela linha nacional para o Brazil, a crença de uma grande era de progresso e de resurgimento patrio, sentimo-nos alentar n'este momento pela fé d'um verdadeiro triumpho para a Marinha Mercante Portugueza.

Era o nosso o paiz europeu que tinha maior colonia na grande republica irmã, e era Portugal o unico que não tinha uma linha regular de vapores, embora modesta que fosse.

Os politicos nunca se interessaram por esse grande problema; os comerciantes e armadores ante o insucesso da *Mala Real Portugueza* originado por diferentes motivos, viram na realização d'esse empreendimento como que a aparição mística d'um novo Adamastor.

Varios governos tentaram dar alento a essa idéa, nenhum porém o conseguindo, pela inconstancia governativa, que tem sido d'incalculaveis prejuizos para a nossa Terra, acrescida do *desinteresse eleiçoeiro* que o caso representava.

Pois se até o projecto o teve a Camara dos Deputados em ordem do dia, durante um mez sem que alguém se lembrasse de discutil-o!!!

Mas não vale a pena olhar para as misérias do passado, agora que um horisonte radioso se nos desponta.

Ao traçarmos estas linhas não queremos deixar de louvar a Direcção dos Transportes Maritimos pela largueza de vistas com que actualmente está administrando

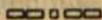
essa grande empreza, no intuito de promover o seu desenvolvimento e o das relações commerciaes portuguezas.

Tem-se falado a medo — o eterno mêdo nacional — a proposito das condições de exploração da linha do Brazil; opinando uns que ela deve ser feita por vapores de carga com beliches na coberta para passageiros de terceira classe, porque não ha fórmula de se competir com a navegação estrangeira, que apresenta hoje verdadeiras cidades fluctuantes; mas não entendeu assim a Administração dos T. M. E., que resolveu lançar as trez carreiras da America do Norte, Amazonas e Sul do Brazil servindo-as com vapores de passageiros.

Para a primeira linha de navegação são destinados o *Mormugão* e o *S. Vicente*, dois barcos antigos, é certo, mas com boas acomodações para passageiros, principalmente de terceira classe. Para a linha do Amazonas foram escolhidos os vapores *Lima* e o *S. Jorge*, navios modestos, tambem, mas eguaes em comodidade a muitos outros vapores estrangeiros que singram as mesmas aguas; e para a carreira do Sul do Brazil, foram destinados os dois maiores vapores da frota, o *Traz-os-Montes*, e o *Porto* respectivamente de 8.965 e 6.636 toneladas. São dois barcos de luxo, a que á vontade se póde imprimir a marcha a 14 milhas.

Qualquer d'estes navios são inferiores em capacidade e conforto aos grandes paquetes que as linhas estrangeiras empregam n'este serviço; mas como os mares andam minguados de navegação, aqueles barcos encherão sempre as suas camaras de passageiros, sem mesmo para isso contarmos com o patriotismo, nunca desmentido, das nossas colonias nas Americas.

Apesar d'esses navios não serem uns gigantes como o *Andes*, o *Limburgia*, o *Orcoma*, o *Canadá* e outros, eles são todavia eguaes e até superiores a outros barcos das companhias proprietarias d'aqueles e que n'este momento se empregam no mesmo serviço, não tendo nunca logares disponiveis, pois todos são disputados a peso d'ouro.



Bem sabemos que se vae dizer que as linhas agora lançadas terão um insucesso; que a Administração directa do Estado acabará por falir, por negligencia etc. Nunca fomos partidarios do Estado gerir coisas que em todos os paizes competem ás empresas particulares; mas n'estas horas ainda incertas, não é para temer tal falencia, porque o serviço marítimo está tão precario, que todos terão o seu lugar,

e a colonia portugueza no Brazil espera tão anciosamente a carreira nacional, que olhará para os defeitos, que a organização do Estado possa ter a bordo dos seus navios, com a sua habitual benevolencia patriotica.

Deixem os vapores ir ao Brazil; meia duzia de viagens demonstrarão que ainda podemos contar com um importante logar no trafego Luso-Brazileiro, e que esta linha que agora começa, em breve dará logar a uma outra com magnificos barcos de luxo enfileirando a par dos melhores transatlanticos.

Olhe-se para a Companhia Holandeza, e veja-se como um paiz sem colonia no Brazil e quasi sem comercio como essa nação, soube em pouco tempo impor uma linha de navegação de primeira ordem.

Seguindo-se o exemplo, já é uma garantia.

GUERRA MAIO

REGISTO

«Vagabunda»

Vagabunda é o titulo dum livro da auctoria da insigne actriz Mercedes Blasco, que acaba de ser posto á venda, editado pela Livraria Rodrigues & C.^a, cujo aspecto é bastante atraente.

Mercedes Blasco teve a gentileza de oferecer um exemplar ao nosso Director e outro ao nosso Secretario, com penhorantes dedicatorias que muito os sensibilisaram.

Eles dirão, depois, de sua justiça, quando a leitura d'esse repositório da vida da sympathica escriptora os auctorisar a fazer a sua critica imparcial; parecendo-nos, porem, que essa obra, a avaliar pelos dotes que a sua auctora revelou como artista dramatica, certamente confirmará as sublimes qualidades que distinguem Mercedes Blasco.

Anuario do Touring-Club Suisso

A Direcção do «Touring Club Suisso» teve a amabilidade de nos enviar dois exemplares do seu anuario referido a 1920, que se contem em um muito interessante e util livrinho para as viagens n'aquelle paiz, a que serve de precioso guia.

E' este um dos meios de que o T. C. S. se serve para a propaganda das viagens na Suissa, pois n'esse anuario se indicam todas as precisas informações de que os turistas necessitam para estabelecerem o seu programa de viagem, de harmonia com o tempo e com o respectivo orçamento.

Agradecemos, reconhecidos, a oferta.

Repartição de Turismo

Da Repartição de Turismo recebemos dois exemplares do seu Relatorio referido ao ano economico de 1917-1918, cuja remessa muito agradecemos.

ARTE E LITERATURA

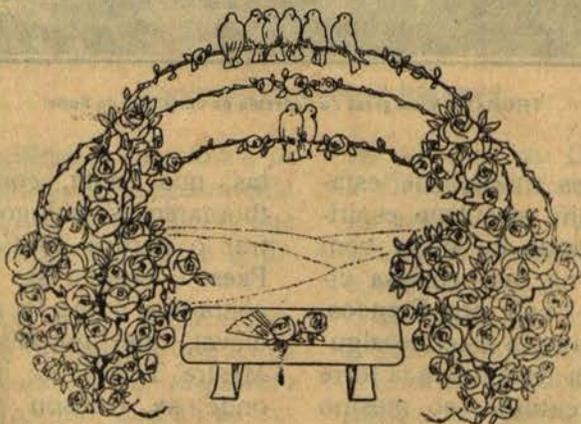
CANTIGAS

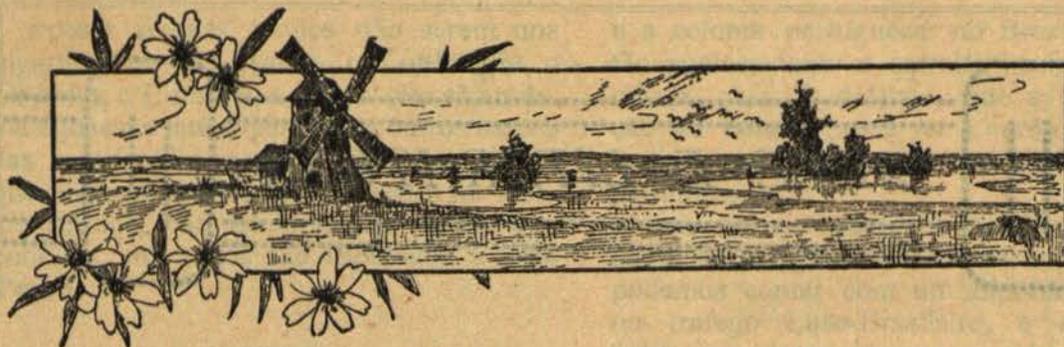
POR ANTONIO BOTTO

*Dizem que eu, que sou alegre,
Quando vou para cantar :
Não sou alegre nem triste,
— Sou como as ondas do mar !*

*Deixa lá falar quem fala,
Deixa lá rir e dizer...
— As aguas claras da fonte,
E' sempre ao mar que vão ter.*

*Se me deixares, eu digo
O contrario a toda a gente ;
E, n'este mundo de enganos,
Fala verdade, quem mente.*





MONUMENTOS PORTUGUEZES

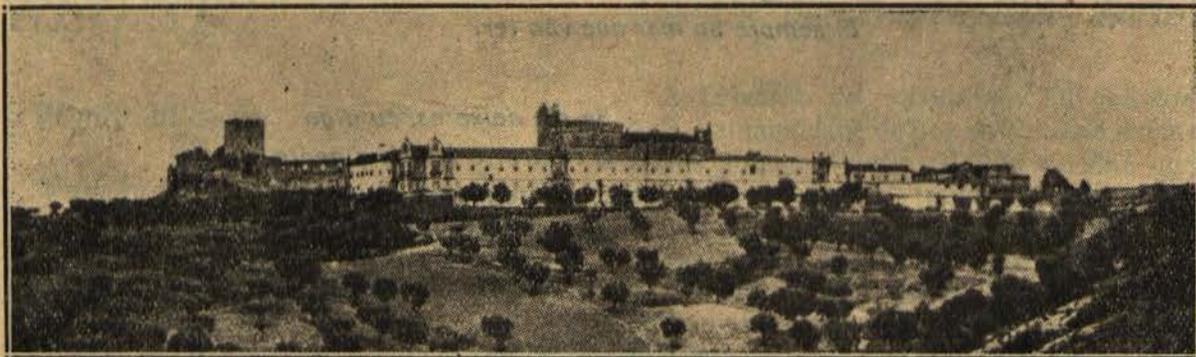
UMA VISITA A THOMAR

BEM cedo, na manhã do dia seguinte, com o céu todo toldado e burrifando fina chuvinha, andei eu com o meu lapis apanhando, para o meu album, alguns trêchos de velhas ruas.

A propósito de desenho n'essas condições, lembra-me, agora, um dito de espirito do illustre homem de Estado, que foi o Visconde de Chancelheiros e meu grande

aconselhou, ás jovens que no alto estavam, cautela, para não caírem d'essa altura; ao que o Visconde acudiu logo: *Não tenham V. V. cuidado, que ahí está o Christino, pois que se alguma d'elas cair, apanha-a no ar. . . . com o lapis.»*

Mas, são horas de trepar o monte para o grandioso Convento de Christo, e no largo municipal juntam-se os excursionis-



THOMAR—Vista geral do Convento de Christo (lado Norte)

amigo, que entre outros méritos de estadista tinha o de ser um repentista espiritual. Uma tarde, estando de visita com damas e cavalheiros, na sua curiosa vivenda alpestre de Vila Verde dos Francos, onde também me achava, e estando algumas meninas no alto da dasemparada torre sineira do velho conventinho, ao mesmo tempo que eu fazia em um pequeno album uns *croquis* do natural, uma das damas

tas, uns trinta, contando meia duzia de thomarenses; e logo, lá em cima, ao entrar o pórtico do Castelo de D. Gualdim Paes, o erudito sr. Dr. Vieira Guimarães conta-nos o que foi aquela construção medieval, que immortalizou o nome do célebre Mestre Templário; indicou, depois, o sitio onde se realisou o arraial hispano-portuguez, que antecedeu as Côrtes geraes, que decidiram da malfadada entrega da

corôa portuguesa a D. Filipe II de Hespanha.

O ilustre guía, como se tratava d'uma visita de homens eruditos, quiz que a excursão seguisse a ordem cronológica dos monumentos; e assim, eis-nos observando as arcarias do arruinado pequeno Claustro das Lavagens, coévo da fundação do templo, passando depois em seguida para o Claustro do Cemiterio, ou do Infante D. Henrique, este lindo nas suas elegantes ogivas, assentes em geminados columnelos de capiteis góticos, de campanula invertida, adornados de folhas de morango, de trêvo e de outras delicadas plantas estilizadas, tão bem modeladas e com tanto caracter ogival, que dir-se-hiam fugidos para ali do Mosteiro da Batalha.

Ninguém se dispensou de admirar, na sua jazida, com tampa de grôso vidro, a múmia do famoso personagem da segunda metade do século XVI, que foi Baltazar de Faria, o introdutor da Inquisição em Portugal, de quem ele foi portador da bula de Roma. Um macabro acaso conservou-lhe a pele mumificada, com todos os seus avantajados detalhes, como escarmenta vingativa da multidão de desgraçados, que aquella lei cathólica levou á forca e á fogueira.

Agora é no Terraço, ante o soberbo portico e fachada do sul do templo, que todos admiram a arte decorativa do architecto portuguez João de Castilho, que ali se excedeu n'aqueles belos trêchos de architec-

tura e ornamentação manuelina; estilo este de transição, um mixto—segundo o erudito alemão Dr. A. Haupt—do gótico, do renascença, do indiano, ligado a atributos nauticos e á flora colonial.

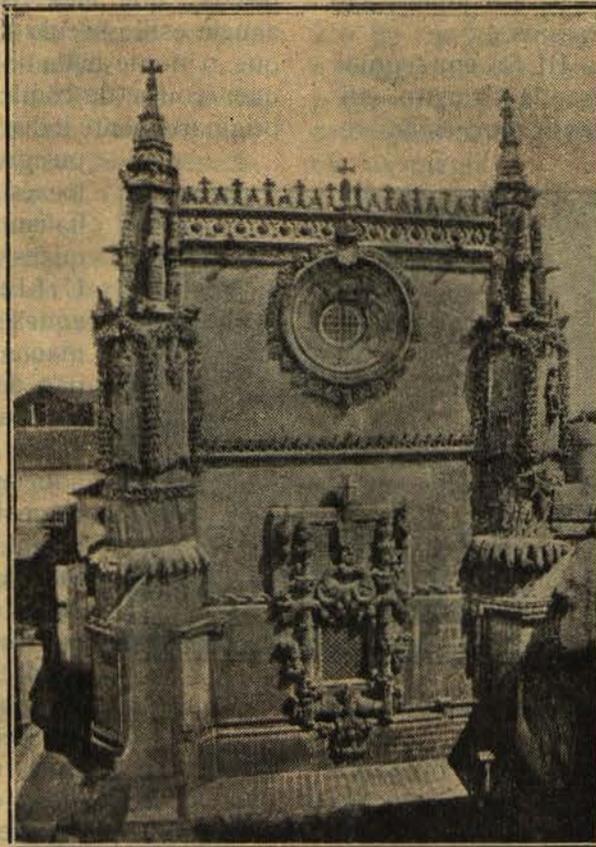
Por sua vez, cada um segue com grande interesse as observações que ao sr. Dr. Vieira Guimarães sugere a preciosa bizantina romanica Charóla, de deseseis faces, que na primitiva constituia o unico altar central da capela dos Templarios, situada

ao réz da terra da alta torre de vigia e combate. El-rei D. Manuel I e Mestre da de Christo, mais tarde, sem lhe alterar o estilo primitivo, fez doiral-a, enriquecendo-a com trabalhos baldaquinos de madeira policrónica e de grandes estatuas de personagens biblicos; e adornar, em torno do diambulatorio, de grandes preciosos sáculos retábulos a oleo, devido a mestres de escola portugueza, dos quaes só uns trez, de doze quadros que havia, se notam agora, estando alguns, poucos, a beneficiar e tendo desaparecido outros!

Pinturas heráldicas de vivas côres

do reinado de D. Manuel, representando a *Cruz de Christo*, a *esfera armillar* e as *armas de Portugal*, alternam-se, nos fichos do arnezunamento, com pinturas decorativas que de resto abundam nos tetos e abobadas do monumento.

Não se limitou, porem, El-rei D. Manuel I a estes artisticos alindamentos, pois fez cortar dois panos da forte torre da Charóla para se prolongar o corpo da igreja e seu



Convento de Christo (fachada lado poente)

côro no sentido do ocidente, em uma única grandiosa nave.

O que teria sido o riquíssimo cadeiral do côro da Ordem de Christo, dil'os uns desenhos setecentistas, que se observam no mesmo côro, devendo ter tido essa obra de grande talha um aspecto monumental, agora substituído por singelas cátedras.

Naturalmente estava indicado á excursão visitar em seguida a casa do capitulo, de que o ornamentado pórtico, um tanto occulto por posterior edificação e a janela, são famosos trêchos decorativos.

Da época de D. João III foi em seguida percorrido o soberbo grande Claustro, edificado de duplo pavimento, em estilo re-



Claustro do Cemiterio do Convento de Christo

nascença, que sendo sóbrio de ornatos é notabilíssimo pela elegante disposição das arcarias e lógias, adornadas de pedrarias e de columnas clássicas. Ali, n'uma data gravada, se vê quanto é erroneo o attribuir-se aos «Filipes» a construção, a qual, quando muito, teria sido terminada no tempo d'aqueles reis.

Naturalmente, a prolongada visita requeria um descanso e um almoço, o qual se encontrava disposto em uma das naves do segundo pavimento do Claustro, e ao qual os excursionistas alegremente fizeram as devidas honras, terminando o repasto com brindes aos promotores, á imprensa, e por último ás damas lisbonenses, que

acompanharam aquella perigração em prol da Arte.

N'um *Kodack*, o consócio sr. Betencourt, fixou um esplendido grupo que se formara junto do artistico tanque central do Claustro; e a visita continuou depois, admirando-se ali proximo um pórtico «renascença» ornamentado por João de Castilho e de que o sr. Vieira Guimarães explicou os detalhes. Ante um d'elles pedi vénia, e fiz notar aos visitantes, o que eram os «grotescos», que eles ostentavam, e definiam aquelle estilo século XVI; e assim expliquei que o nome nada tinha que ver com qualquer cousa de cómico, pois esse nome era originariamente italiano, e vinha de *grottas*

ou grutas, (em portuguez) locais estudados por artistas italianos, da época, entre os quaes o sublime Rafael de Urbino, que descobriram aquellas ornamentações romanas nas pilastras das ruínas dos templos e palacios soterrados, da época dos Cesares; obedecendo em geral aqueles delicados ornatos á disposição de simetria bilateral. Da Italia irradiou o estilo para as outras nacionalidades e para aqui foi trazido por Sansovino, por Boitaca e por João de Castilho, que no Claustro dos Jerónimos, em Belem, empregou os gro-

tescos em grande, nas faces dos fortes pilares das naves, e ali em Thomar se encontram por partes, defenindo tambem a época quinhentista.

Depois, mais adeante, uma sala, causou sensação admirativa aos visitantes, sala que é chamada do *Noviciado*, em que o trabalho dos tetos ou talha e os mármores entre colonios clássicos, estabelecidos como pavilhões aos quatro angulos internos do salão, causaram pasmo, pelo seu extraordinario bom gosto. Pena é os lambris das paredes e o pavimento não correspondem, por estarem arruinados, á magnífica parte superior.

Por ultimo, no pequeno claustro de S.

Bárbara, o sr. Dr. Vieira Guimarães descreveu eloquentemente, ante a fachada ocidental do Convento de Christo, a notavel janela simbólica das Ordens do Templo e de Christo, e ainda a rosácea na qual, o povo de arrojados descobridores náutas que foram os portuguezes, se afirma ali, na vela colhida por cordagens; fazendo tambem notar o erudito explicador os botaréis dos extremos, em que n'um, uma "Cadeia de fuzis", e n'outro a "Jarreteira" parecem segurar-los ao templo.

Ao terminar, uma salva de palmas coroou a bela lição do sr. Guimarães.

Estava visto o monumento, mas ainda o sr. tenente-coronel Garcez Teixeira nos deu a surpresa de nos patentear, descrevendo com natural encanto, o Museu do Convento de Christo, por ele organizado no antigo vasto refeitório, ostentando-se ali interessantes motivos do convento e de restos de outras edificações regionaes, tudo em excellente disposição para se estudar.

Estava finda a visita a um dos mais notaveis monumentos nacionaes; e descendo a meia encosta, foi vista ainda a pequena, mas artistica igreja da Conceição, muito bem conservada e tambem sendo um magnifico exemplar da architectura renascença, de uma notavel purêsa de estilo e de acabamento.

Com um abundante jantar no Hotel, terminou de vez o segundo dia da educativa excursão dos Archeólogos Portuguezes, a

Thomar, e bem depressa, em carros, todos partiram para Paialvo, a tomarem o comboio rápido descendente.

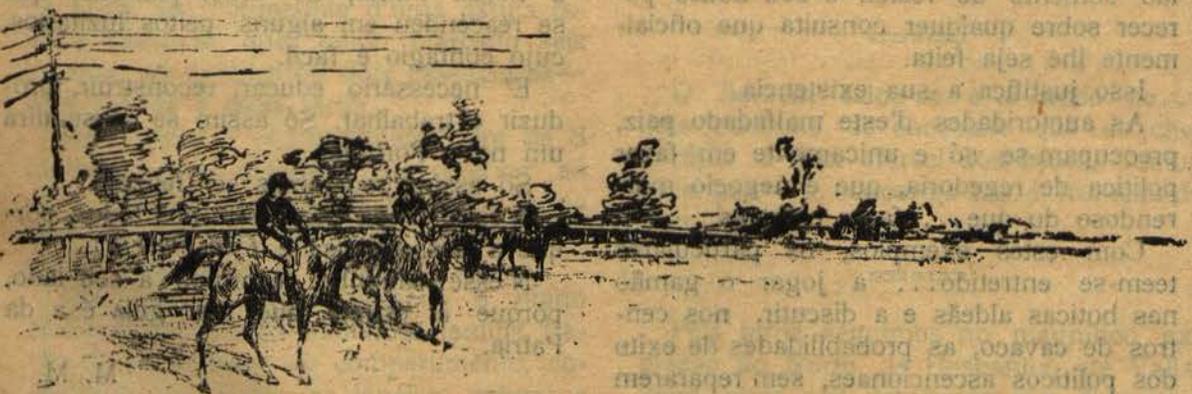
Todos não; eu fiquei ainda, e de caso pensado, pois antecedentemente combinára visitar o meu antigo bom amigo sr. tenente-coronel reformado, Timóteo Alvim, residente na sua linda quinta de Ceissa, proxima Vila Nova de Ourém, o qual teve a amigavel gentileza de mandar o seu trem buscar-me a Thomar.

Assim eis-me seguindo pela estrada que vae de Ourém, atravez de adustos montes e mimosos vales, em um lindo fim de dia primaveril, a que o sol no poente, com as colorações alaranjadas e rubras, dava efeitos de magia.

Ao anoitecer chegava á solarenga casa erguida pelo cardeal de Alpedrinha, e agora d'aquela meu amigo e de sua esposa, que me acolheram e hospedaram bizarramente por um dia, com grande satisfação minha o que aqui desvanecidamente lhes agradeço.

Nesta «Revista de Turismo», destinada a chamar a atenção para as belêzas do nosso paiz, aconselho, a todos que viajam, que não delxem de conhecer a histórica cidade de Thomar, na qual a Natureza e a Arte como que se deram as mãos, para a tornar um encanto, pela junção do seu belo pitoresco com a recordação das grandezas artisticas e históricas de Portugal.

RIBEIRO CHRISTINO



PATRIMONIO NACIONAL

O CAHOS A QUE CHEGOU

DEVIDO á intensa campanha pró-Patria, levantada no nosso conceituado coléga *Diario de Noticias*, todos os dias esse jornal publica informações denunciando o estado lastimoso em que se encontram quasi todas as joias monumentaes que constituem o nosso valioso patrimonio artistico.

Lêr essas denuncias, confrange o espirito.

Em todas elas se friza a mesma nota de incuria, de perversão moral, de anti-patriotismo — factores que, somados, se representam simplesmente pela falta de educação civica que se tem manifestado grandemente ha annos a esta parte, agravada ultimamente com a deletéria propaganda de falsos liberalismos.

Mas — pergunta-se: — O que tem feito a comissão dos monumentos nacionaes?

— Porque motivo se chegou a um tão grande desleixo?

— Qual tem sido a ação das auctoridades, por esse paiz em fóra?

E muito simplesmente, responde-se: A comissão dos monumentos nacionaes, cuja instituição data — segundo supômos — de epochas remotas, passa a vida a *passar* nas ruas de Lisboa, ocupando-se tão sómente de relatar o seu *douto* parecer sobre qualquer consulta que oficialmente lhe seja feita.

Isso justifica a sua existencia.

As auctoridades d'este malfadado paiz, preocupam-se só e unicamente em fazer politica de regedoria, que é negocio mais rendoso do que... fazer colheres.

Com estes exemplos, os particulares teem-se entretido... a jogar o gamão nas boticas aldeãs e a discutir, nos centros de cavaco, as probabilidades de exito dos politicos ascencionaes, sem repararem

nas responsabilidades que lhes estavam impendendo.

D'ahi, o nosso patrimonio artistico — e *tuti quanti* n'esta *inditosa* Patria representa um valor material, intrinseco ou historico — se achar perfeitamente ao abandono.

E' claro que o tempo não póde chegar para tudo; e muito mais importante é ganhar-se uma eleição, do que tratar-se da conservação do que nos pertence.

Emfim, acordarmos agora d'essa lethargica obsecação, representa um inestimavel serviço que não podemos deixar de reconhecer aquele importante jornal citadino.

A Cezar o que é de Cezar.

Preciso é, porém, que ele não desanime n'essa santa cruzada e que continue insuflando n'esta população dormente o anti-anesthesico que a prostou na modorra em que tem vivido.

E' aproveitar agora, que as manifestações da raça mais uma vez se pronunciam, para a impulsionar na senda dos seus deveres, conduzindo-se a evolução que se está desenhando, para uma nova aurora de patriotismo, insistindo na contaminação da fé, e da esperança em melhores dias para a nossa Patria, no ardôr patriótico que se reacendeu em alguns peitos luzitanos, cujo contagio é facil.

E' necessario educar, reconstruir, produzir e trabalhar. Só assim se conseguirá um novo Portugal.

Só assim poderemos ser felizes.

N'essa senda encontram-nos todos, porque a nossa divisa é *Pró-Patria*.

N'esse caminho teem-nos a seu lado, porque a estrela que nos guia é a da Patria.

M. M.

CARTAS DE PARIS

UMA VIAGEM A PORTUGAL

Um viajante comodista — Terra de Portugal — Uma diligencia desconjuntada — A ganancia em ação — Luxo desenfreado — O Mosteiro de Grijó — Eça de Queiroz

D'UMA viagem ha sempre que dizer. Ha sempre novas impressões, e... como dizem os francezes, novas emoções.

Mas hoje em dia a maior emoção e a mais sentida comoção são-nos produzidas pelos... passaportes. Que tragedia! Os serviços ferroviarios teem vindo, pouco a pouco, melhorando, de fôrma a atrahir mais passageiros. O turismo começa a alargar as bemfazejas azas; mas o phantasma dos «passaportes» enchem-nos de enervantes aborrecimentos, que nos deixam logo pouca vontade de seguir viagem.

Lá conseguimos, emfim, obter esse complicado *objecto*, cheio de carimbos, vistos e selos, que nos custou, além d'uma arreliante massada, uma soma consideravel.

Partimos.

Tomámos na estação d'Orsay o rapido da noite, em companhia d'uma astuta familia franceza, que, tendo marcado seis logares, só apresentou dois passageiros— dois petizes a meia tarifa.

Mas como o compartimento era de 8 logares e eles tivessem feito reservar só seis, fizeram ocupar os restantes pelos seus criados, que depois do comboio em marcha passaram á terceira classe...

Um quarto d'hora passado o digno chefe de tão pouco numerosa familia, tratou de se apossar do compartimento, começando por fechar as janelas, apagar a luz, deitar os bebés, acabando por resonar forte e sonoramente.

Lá fomos em plenas trevas, caminho fóra, até que a doce paz do Senhor foi perturbada pelo meu companheiro, a quem apeteceu fumar.

Porém, o *Chefe* da infantil familia escandalizou-se com o facto em extremo, a ponto de lhe lembrar que não estava em sua casa e que... ia ali uma senhora. O meu companheiro, atordoado porque não sabia uma palavra de francez, inclinou-se para mim a saber o que queria aquele homem... e que me entendesse com ele para não haver ali um conflicto internacional...

Expliquei-lhe que ele não pedira licença para fumar porque não sabia francez, mas que o não fizera tambem, visto em França as senhoras fumarem e o fumo portanto devia dar-lhe um prazer...

O homem calou-se e a troco de... dois bonbons de chocolate que ao chegarmos a Dax ofereci aos bebés, reinou ali a paz e a concordia até á fronteira de Irun.

Pela tarde seguimos no magnifico expresso do Norte de Hespanha, até Valladolid, onde nos detivemos para descansar e para ver a curiosa cidade da Velha Castela. E não nos arrependemos, pois

tivemos ali a impressão viva do progresso da vizinha Hespanha, começando pela electricidade, que inunda a jorros todas as ruas e praças, e pelas carreiras dos electricos, que continuam a fazer-se a *perra gorda*, ou seja, ao cambio par, o nosso tradicional vintem.

Valladolid é uma terra progressiva, com grandes casas commerciaes, belos cafés, um magnifico jardim e uma vastissima officina dos caminhos de ferro do Norte de Espanha, onde são empregados cerca de 2.500 operarios.

Isto foi o que tivemos ocasião de apreciar.

No comboio da noite abalámos em direcção á Barca d'Alva, estação em que tínhamos que nos deter para ir á terra natal.

Ahi começou a nossa surpresa das coisas desagradaveis que viemos encontrar na Patria.

Começaremos pelo carro do correio que nos havia de conduzir n'uma jornada de 20 kilometros.

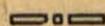
Essa carripana tinha indicios, ainda bem visiveis, de ter sido um «phaeton» rico; porém as mólas enferrujadas e duras, os bancos sem estofo, a portinhola sem fecho, tudo isto adicionado á pouca força que os cavalos mostravam para vencer uma subida de 13 kilometros que tínhamos na primeira étapa, fez com que nos viesse á lembrança uma d'aquelas desconjuntadas *carrilanas* da Andaluzia, a que todavia faltava o bom humor do cocheiro, porque este — segundo dizem lá na região — o seu maior prazer é deixar alguém em terra, não se importando ir com o carro vasio.

— Filosofias.

Decorridos uns rapidos oito dias entre a vinha e a horta da familia, seguimos para Lisboa, onde nos esperava uma série de decepções, que a ausencia de ano e meio havia preparado. Hoteis cheios; preços ultra elevados; rapazes vadios a venderem jornaes e a ficarem com os trocos; electricos 200 por cento mais caros que antes da guerra — só nos bolchevistas se encontra coisa igual — uma de-

senfreada ganancia em tudo e por tudo; creados de restaurantes a não ficarem contentes com gorgetas inferiores a cinco tostões!...

Pudera — a peseta está pela hora da morte! — Junto a isto um luxo demente e apavorante, uma miseria sem limites.



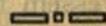
Mas a par d'isso, vê-se — e com prazer — que o paiz caminha. Ha novas industrias, novas iniciativas. O emprego publico passou a simples usufruição de vadios, toda a gente, agora, procura empregar a sua actividade longe da faya governamental. Ele é o Dr. Advogado-Industrial; é o Medico-Comerciante, o Fidalgo-Negociante, e muitos outros antigos funcionarios da 8.^a repartição, da 4.^a divisão, e da 2.^a secção, directores geraes, amanuenses, etc., a trabalharem cá fóra, *comprando e vendendo*, fazendo *negocios* de... muitas dezenas de contos entre o fumo de duas chavenas de café no «Martinho» ou entre a omelete e o bife do Tavares.

Hoje tudo negoceia.

Discute-se menos politica, o que é um bem; fala-se mais de outras coisas de maior interesse.

Ha mais gente nos Concursos Hypicos, e nos chás elegantes, onde essa pequena e luxuosa refeição custa agora quinze tostões.

Em compensação, encontra-se menos gente de farnel, a caminho de Cintra, n'um vagão de 3.^a classe, porque todos preferem o hotel, onde o repasto custa doze escudos e meio, fóra o vinho, o pão, o café, a manteiga, o licor, a toalha, o creado — eu sei...

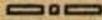


Fugi de Lisboa apavorado; — d'essa Lisboa que eu amei quando lá estava e que cada vez adoro mais, apesar de tudo e de estar longe d'ela.

Agora, que repasso as minhas recordações, mais se me arreiga a sua afeição. Não me esquecem esses deliciosos momentos que passei, quando pela manhã, da

janela da casa d'um amigo querido onde fui hospede, no alto da Avenida, eu via essas nossas arterias, largos cheios de vida, de sol e de verdura, com o seu casario moderno a rebrilhar aos faiscantes raios do Astro-Rei, e a graça tocante do conjunto a sensibilisar-me a alma d'um prazer infindo.

Abençoada Terra!



Tinha que fazer a viagem de regresso novamente pelo Douro, e o meu velho amigo Oliveira Basto, antigo dono do Grande Hotel do Porto, mandara-me buscar á Granja, no seu automovel, para me fazer passar dois dias na sua quinta do Mosteiro, em Grijó, outr'ora pertencente aos Cruzios e agora sua residencia feudal.

A quinta d'esse oasis tem aquele aspecto tristonhamente severo d'uma residencia eclesiastica. A casa deita para o jardim, onde um fontenario, de bom granito, em forma de centro de mesa, derrama agua a jorros sobre a enorme bacia de pedra. Uma ramagem discreta vae subindo pelas paredes para esconder a casa, que se envolve d'um ar embalsamado pelas tilias altas que enebriam o ambiente.

Em frente á residencia, repousa o velho mosteiro de Grijó, com a sua varanda de pedra, o seu claustro, pobre e triste. Os

altares da igreja, de boa talha, são dos melhores lavrados tradicionaes, que o vigario, um velho abade, explica com datas precisas.

Pela quinta imensa e de boa terra, a agua murmura por toda a parte — aqui em cachão, cahindo do alto d'uma comprida carranca de pedra, trazida n'um longo aqueduto; além em uma fonte n'uma concavidade discreta de dois muros com bancos de pedra á volta, á sombra das arvores velhas, e onde os bons Cruzios repousavam á tarde, nos calores do Estio.

Mais abaixo um moinho; ao lado um lago; e para nada faltar, a eira, o espigueiro vasto, para cem arrobas de milho, e a adega, bem apetrechada de vasilhame, onde outr'ora o vinho era catalogado com minuciosidade eclesiastica.

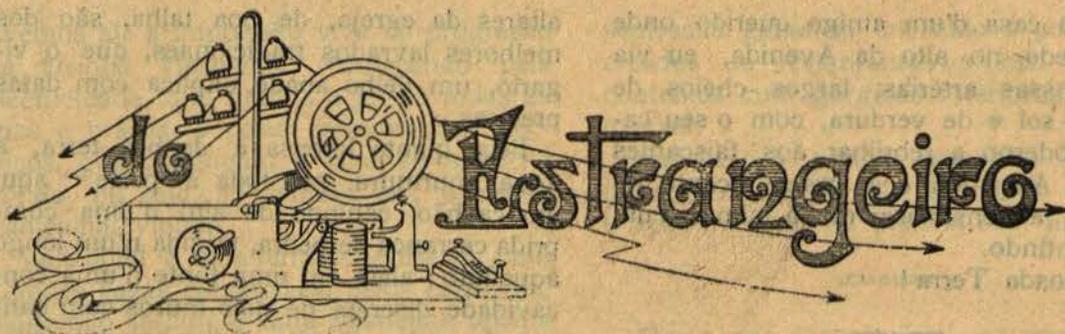
E entre a tranquillidade d'aquella residencia levita vem-nos á lembrança se não foi a proteção d'aquellas arvores que deram sombras aos Cruzios, que Eça de Queiroz descreveu na sua admiravel Quinta de Refaldes, de que nos fala no seu Fradique Mendes.

Dois dias depois parti, para os *Boulevards*, com a saudade ainda d'um bem que pouco durou.

Paris, Julho 1920.

GUERRA MAIO





CARTA DA BELGICA

Bruxelas, Julho 1920.

HA tempo já que não escrevia para a *Revista de Turismo*, mas não é porque d'ela me esquecesse. Não. Nunca! E, agora, principalmente, que essa bela publicação entrou n'uma nova phase, representativa — sem duvida, do maximo dos esforços — não poderia eu negar o meu modesto concurso á obra tão benemerita, tão patriótica, tão portugueza que ela vem desempenhando com uma persistencia e uma constancia digna de todo o aplauso e do mais distincto registo.

Pois cumprindo esse dever, aqui estou com a minha modesta e simples colaboração, mas contribuindo nas minhas forças com o tributo com que posso dispor — aliás insignificante para o que eu desejava que ele fosse.

Devo, porém, antes de tudo, saudar os bons amigos e camaradas — vós, valiosos portuguezes, a quem consagro a minha melhor estima e uma boa porção do meu affecto — por mais um aniversario d'essa excelsa obra que é a *Revista de Turismo* d'essa interessante, utilissima e patriótica publicação que aqui, na Belgica, é justamente apreciada e elogiada com merecido louvôr.

Saudo-vos, pois, do intimo da minha alma — e que progrida na sua deslumbrante carreira esse grande baluarte do turismo a que vós — confrades e illustres portuguezes — tendes dedicado o vosso mais solícito carinho e o maior amôr.

Satisfeito assim esse meu indeclinavel dever, passo agora, n'um rapido esboço, a relatar qualquer coisa de interessante que se actualisa n'este paiz.

Ora, a guerra já acabou ha tempo; e se bem que esse devastador incendio não esteja extinto por completo, o *rescaldo* compete áqueles que — fosse pelo que fosse, — não o puderam evitar nem dominar. Por consequencia, a Belgica, apesar de ter tomado uma parte muito directa n'essa grande e historica calamidade, não se ocupa toda das questões supervenientes e, apenas, a parte politico-administrativa trata afincadamente da defeza dos immediatos e directos interesses nacionaes, no que respeita ás suas relações com o estrangeiro, a fim de obter para a sua rapida reconstituição os mais solidos alicerces.

Veja-se a actividade do valoroso Rei Alberto — essa figura a todos os titulos sympathica, respeitavel e amada — que fulguramente brilha já na historia. Ele é, n'este momento, o melhor e o maior diplomata belga.

A sua viagem á America do Norte foi um colossal triumpho. Ela foi tambem a confirmação das manifestações de sympathia, de affecto e de especial carinho feitas antes a outra figura igualmente historica, o venerando Bispo de Malines, que é hoje um symbolo da nacionalidade!

Pois o Rei Alberto não descança emquanto não partir para o Brazil, seguro — como está — dos beneficios que essa jornada ha de trazer para o seu querido Paiz. E não se ha-de enganar.

Sabe-se já que a grande republica sul-americana lhe prepara a mais extraordinaria recepção, na qual se expandirão agora os entusiasmos que estavam destinados á consagração da viagem do falecido Rei Dom Carlos.

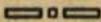
Mas... o homem põe e Deus dispõe.

Pois bem — como não estou escrevendo para um jornal politico, limito-me a este registo, completando-o com a seguinte previsão: — Essa viagem é do maior e immediato proveito para a Belgica — pelo lado politico, economico, comercial, industrial e... turistico.

Aqui é que nos morde a tarantula.

E' mais um concorrente, e perigoso.

Mas, emfim, «quando o sol nasce», ninguem fica ás escuras.



Ora isto vem a capitulo de eu acima dizer que a Belgica está dividida em duas partes distinctas: — uma a que já citei — a outra a que se preocupa especialmente da reconstituição interna e que procura tão sómente empregar o seu melhor esforço em paralelo com a ação official politico-governativa para se conseguir o fim que todos teem em vista. D'esta conjugação de esforços resulta simplesmente que dentro em pouco o paiz dos belgas está em situação talvez superior á que gozava antes da guerra.

Todos procuram reconstituir o passado, agora com o mais solícito interesse e com o maior entusiasmo, juntando-lhe as recordações impereciveis d'esse periodo critico em que a sua nacionalidade esteve... para ser apagada do mapa mundial, das quaes ha de procurar tirar o maior proveito.

Chaqu'un à son tour — e é aqui bem aplicado o aforismo, porque todos trabalham, mas cada um ocupa-se essencialmente do que lhe diz respeito ou do que mais o interessa directamente.

D'esta fórma não ha confusão e a ordem manifesta-se em tudo.

Por isso eu devo igualmente ocupar-me tão sómente do que se passa sobre turis-

mo e é isso que vou agora fazer — já o devendo ter feito ha mais tempo.

Ora, uma das coisas que n'este momento estão chamando a atenção dos que se dedicam á defeza do turismo, é *pôr a casa em ordem*. O ordenamento da vida, o embelezamento das cidades, vilas e aldeias, a reconstrução das estradas, o repovoamento das matas e florestas, tudo — emfim — quanto possa dar um tom de beleza, de alegria, de boa disposição para o espirito e de encantadora e atrahente suavidade para a vista, está merecendo o mais solícito cuidado.

Um dos assumptos que está prendendo agora, mais, a atenção d'aqueles a quem essa tarefa incumbe, é o embelezamento das estações ferroviarias. E não se julgue que se trata d'alguma banalidade. Não. Procura-se simplesmente tornar essas estações em deliciosos sitios de repouso momentaneo, ao mesmo tempo que, por um cunho de elegancia, de arte e de conforto espiritual, ofereçam um atrahente aspecto ao passageiro em marcha.

Para esse fim, procura-se rodear as gares d'um especial decoração — com flores — como já se fizera antes da guerra, tendo-se obtido agora um consideravel augmento no subsidio destinado pelo Governo a essa patriotica obra.

No intuito de estimular os empregados das estações de caminhos de ferro a serem fieis cumpridores d'essa idéa, crearam-se premios que serão distribuidos pelos que apresentem os seus jardins mais artistica, profusa e valiosamente floridos.

Esses premios atingem a importante somma total de 3.300 francos, e para eles concorrem não só o subsidio governamental, como as sociedades de horticultura interessadas nos progressos da floricultura belga.

Para as epochas em que não ha flores, estudou-se já a applicação da relva, em artisticos canteiros, de fórma a rodear as gares de pequenos mas encantadores parques.

Segundo as previsões feitas, é de supôr que o resultado do primeiro concurso não chegue a egualar-se ao dos anteriores á

guerra, não só porque algumas estações sofreram imenso durante esse calamitoso período, mas, também, porque, dada a crise mundial de subsistências que se está atravessando, alguns empregados dos caminhos de ferro teem aproveitado os terrenos para a cultura da batata e do tabaco!

Espera-se, todavia, que esta situação, aliás transitoria, acabe logo que a vida

progressivamente se normalise, e, então, os visitantes da Belgica, ao deixarem-n'a, guardem as melhores recordações da sua passagem por este laborioso, sympathico e atrahente paiz.

Eis, aqui, o que agora ha de mais interessante no que respeita ao capitulo «o turismo na Belgica».

J. C.

NOTÍCIAS DIVERSAS

Melhoramentos na estação de Barca d'Alva

A Direcção dos Caminhos de Ferro do Minho e Douro, no intuito louvavel de evitar os dissabores dos passageiros por falta de alojamento na fronteira, quando tenham que pernoitar ali, acaba de levar a efeito a construção de um hotel na estação de Barca d'Alva, cujas obras estão quasi concluidas. O novo hotel, na parte superior da estação, dispõe de 8 espaçosos quartos, dotados de todo o conforto, casa de banho e outras comodidades. O restaurante também foi ampliado, devendo em breve passar a nova exploração, para o que será posto a concurso conjuntamente com o hotel.

Outro melhoramento e importantissimo é o da instalação que o mesmo caminho de ferro vae ali fazer, da estação do correio, que actualmente está a 300 metros da gare, ao impossivel alcance dos passageiros, o que causa grande transtorno. Lá fóra, e até na vizinha Hespanha, todas as estações de caminhos de ferro, de fronteira ou de entroncamento, teem anexa uma estação postal. No nosso Paiz, aparte as estações do Rocio, Campanhã, Porto e Portalegre, nenhuma outra gosa de tal comodidade. O caminho de ferro do Minho e Douro, introduzindo este grande melho-

ramento na estação de Barca d'Alva, pelo que a Direcção dos Correios ha muito tempo insistia, presta um inestimavel serviço ao publico.

Um inconveniente, porém se depara, é que devido a falta de casa propria no rez-do-chão da estação, pelas suas acanhadas dimensões, tem aquela de ser instalada no 1.º andar, o que representa um certo embaraço ao publico; e no sentido de se remover esse obice a Sociedade Propaganda de Portugal está-se interessando junto da Direcção do Minho e Douro, para que, á custa de todos os sacrificios, a estação postal fique no rez-do-chão, com entrada pela gare para os passageiros, e pela rua, para o publico local. D'esta maneira os passageiros dentro dos poucos minutos que ali tenham, podem procurar a sua correspondencia na posta restante, passar telegramas, escrever cartas etc.

Para a estação de Vilar Formoso tem, também, a Companhia da Beira Alta projectado um pequeno Hotel, semelhante ao que já existe na estação de Guarda. Porém, as condições do momento, além das exigencias d'outras obras inadiaveis, teem feito protelar a realisação d'aquela beneficio em que a Companhia da Beira Alta de ha muito pensa, no sentido de dotar a sua estação com um melhoramento de

muita comodidade para os passageiros internacionais.

Como é sabido na estação de Vilar Formoso existe um restaurante cuja exploração acaba de ser confiada a um habil técnico; e isso é segura garantia para que o seu serviço nada deixe a desejar.

Facilidades na entrada dos banhistas hespanhoes

As instancias das Companhias dos Caminhos de Ferro Portuguezes e dos Caminhos de Ferro da Beira Alta, o Governo decretou a livre entrada dos banhistas hespanhoes mediante a simplés apresentação, ás autoridades consulares portuguezas, para os efeitos do «visto», da cédula pessoal de que todos os hespanhoes são portadores.

Esta medida, tomada sob o criterio de boa administração, beneficia sobremaneira as praias portuguezas, principalmente Figueira da Foz, Espinho, Vila do Conde e outras, onde habitualmente, todos os anos, antes da guerra, afluíam numerosos banhistas vindos de Hespanha, animando a vida d'essas praias e proporcionando-lhes beneficios economicos muito consideraveis.

As Companhias de Caminho de Ferro também teem a lucrar com essa boa medida, pois assim são aproveitados os serviços especiaes postos em vigor no sentido de atrahir um maior numero de emigrados do visinho reino, que se habituaram a vir banhar-se na costa ocidental da península.

Hotel de Santa Luzia

ESTÁ quasi concluido este magnifico hotel situado no Monte de Santa Luzia, em Viana do Castelo, e que fôra mandado construir ha anos pelo benemerito e já falecido industrial sr. Domingos José Moraes.

Esse hotel foi ultimamente comprado por uma empresa do norte do paiz.

O edificio, elegante e vastissimo, estava concluido; mas a empresa actual quiz modernisa-lo, introduzindo-lhe varios melhoramentos, como seja agua encanada em todos os quartos e dependencias, novos estuques, electricidade, etc. O mobiliario, em construção em varias casas de Lisboa e Porto, deve estar prompto dentro de alguns mezes.

Presentemente trata a Empresa de aforosear o parque, que é vastissimo, com magnificas sombras e pontos de vista, e para cuja manutenção dispõem do magnifico manancial em plena montanha.

O hotel deve abrir ao publico no principio da proxima epocha estival.

Grande Hotel de Extremoz

ESTE belo Hotel, que é um dos melhores das provincias portuguezas, acaba de se instalar definitivamente n'um palacete situado a um dos lados do grande parque Central de Extremoz.

Esse palacete, que primeiro foi habitação particular, parece ter sido construido expressamente para o fim a que agora foi destinado. A sua entrada é feita por um magestoso vestibulo, d'onde parte uma elegante escada em marmore da região, que dá acesso a um largo corredor separando os quartos da frente dos que deitam para as trazeiras do edificio. Todos eles são amplos e bem iluminados.

O serviço é bom e dirigido com muita proficiencia.

ASSIGNATURA

PORTUGAL (Cont.)—Semestre.....	Esc. 1\$50
Ano.....	Esc. 3\$00
COLONIAS—Ano.....	Esc. 4\$50
EXTRANGEIRO—Ano.....	Esc. 6\$00

Numero avulso \$30 (300 réis)

Representante em PARIS :

GUERRA MAIO

8, Rue du Helder

Aguas mineraes e thermas de Portugal

Domicilios	Titulos das thermas	Linhas de Caminho de Ferro	Designação das doenças
Abreiro	Bem Saude	Bragança	Dispepsias insipientes.
Amieira	Amieira	Oeste	Pelle e aparelho digestivo.
Aregos	Caldas de Aregos	Douro	Rheumatismo e pelle.
Barcelos	Eirogo	Minho	Rheumatismo e pelle.
Belmonte	Caldas de Manteigas	Beira Baixa	—
Braga	Caldelas	Minho	Aparelho digestivo e pelle.
Braga	Gerez	Minho	Figado, estomago e diabetes.
Caldas de Moledo	Caldas de Moledo	Douro	Rheumatismo e sifilis.
Caldas da Rainha	Aguas Santas	Oeste	Pelle e linfatismo.
Caldas da Rainha	Caldas da Rainha	Oeste	Artritisimo e pelle.
Cannas de Senhorim	Felgueira	Beira Alta	Pelle e estomago.
Chaves	Chaves	Valle do Tamega	Estomago e intestinos.
Celorico	Thermas de Santo Antonio	Beira Alta	Estomago e escrofulismo.
Curia	Curia	Norte	Figado e rins.
Estoril	Estoril	Cascaes	Rheumatismo e escrofulismo.
Feira	Caldas de S. Jorge	Valle do Vouga	Pelle e artritisimo.
Guimarães	Caldas das Taipas	Guimarães	Estomago e aparelho respiratorio.
Lisboa	Arsenal	—	Pelle e rheumatismo.
Livração	Marco de Canavezes	Minho	Pelle e sifilis.
Luzo	Luzo	Beira Alta	Pelle e artritisimo.
Mafra	Santa Martha	Oeste	Estomago, intestinos, rins e eczemas.
Marvão	Fadagosa	Leste	Intestinos, rins e eczemas.
Mogofores	Mogofores	Norte	(Genero Contrexeville).
Monsão	Caldas de Monsão	Minho	Rheumatismo e sciatica.
Monsão	Melgaço	Minho	Dispepsia litrase biliar.
Moura	Aguas de Moura	Sueste	Estomago e gota.
Pedras Salgadas	Pedras Salgadas	Valle do Tamega	(Diversas)
Estoril	Poça	Cascaes	Pelle, varises, etc.
Portimão	Caldas de Monchique	Sul	Rheumatismo e dispepsias.
S. Pedro do Sul	S. Pedro do Sul	Valle do Vouga	Figado e artereosclerose.
S. Pedro da Torre	S. Pedro da Torre	Minho	Pelle e escrofulismo.
S. Vicente e Entre-os-Rios	Entre-os-Rios e Torre de S. Vicente	Penafiel á Lixa	Orgãos respiratorios.
Thomar	Foz da Certã	Norte	Diabetes e brigtismo.
Torres Vedras	Cucos	Oeste	Rheumatismo e linfatismo.
Tortozendo	Unhaes da Serra	Beira Baixa	Artritisimo e feridas cronicas.
Valado	Piedade	Oeste	Pelle e constipação intestinal.
Vidago	Vidago	Valle do Tamega	Dispepsias e intestinos
Vizela	Caldas de Vizela	Guimarães	Sifilis, catarro bronquiaes.